

Patrimônio, manutenção cultural e turismo: Um estudo a partir do bordado tradicional em Ouro Preto-MG

Heritage, cultural maintenance and tourism: A study of the traditional embroidery in Ouro Preto – MG

Mônica de Fátima do Sacramento Galisa

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
monica.gallisa@aluno.ufop.edu.br

Alissandra Nazareth de Carvalho

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
alissandracarvalho@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-8473-8966>

Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
carolina.volta@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-6817-2560>

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
marcosknupp@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1892-1866>

Resumo

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre a oficina de bordado livre realizada em Ouro Preto/ MG e buscou compreender a prática do bordado e sua importância para o patrimônio cultural, assim como possibilidades para o desenvolvimento econômico, social e do turismo criativo. De abordagem qualitativa e de caráter descritivo-exploratório, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental. Os dados foram coletados ainda por meio de observações e aplicação de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa. A justificativa está na importância em se discutir o patrimônio cultural e sua valorização, analisando as possibilidades de fomento, apoio e preservação do ofício das bordadeiras. Os resultados evidenciaram que bordar é uma prática realizada em conjunto, onde os sujeitos podem compartilhar processos e resultados, trocar experiências, vivenciar a criação coletiva demonstrando a existência de novos paradigmas da arte de bordar, os quais integram a tradição e o moderno de forma singular.

Palavras-chave: Bordado; valorização; patrimônio cultural; Ouro Preto; turismo.

Abstract

This article presents a study on the embroidery workshop held in Ouro Preto/MG and seeks to understand the practice of embroidery and its importance for cultural heritage, as well as possibilities for economic, social and creative tourism development. Taking a qualitative approach of a descriptive-exploratory nature, bibliographic and documentary research was used as a first step in the methodology. Data were also collected through observations and semi-structured interviews with research subjects. The justification for the research lies in the importance of discussing cultural heritage and its appreciation, analysing the possibilities of promoting, supporting and preserving the embroiderers' craft. The results showed that embroidery is a practice carried out as a group, where subjects can share processes and results, exchange experiences, and experience collective creation, demonstrating the existence of new paradigms of the art of embroidery, which integrate tradition and modernity in a unique way.

Keywords: Embroidery; appreciation; cultural heritage; Ouro Preto; tourism.

1. Introdução

O presente trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio – PPGTURPATRI da Universidade Federal de Ouro Preto – MG (Gallisa, 2020) e traz uma reflexão da valorização cultural e patrimonial a partir do bordado. Aponta que essa prática ganhou notoriedade, tornando-se sinônimo de encontro, do fazer coletivo, de compartilhamento entre processos e resultados. Representa uma atividade que possibilita a experiência do contato com o outro e vivenciar a criação coletiva, redefinindo conceitos estéticos da arte de bordar, integrando tradição e o moderno de forma singular. A pesquisa constituída de um olhar diferenciado, analisou a oficina de bordado artesanal no Museu Casa dos Inconfidentes, Ouro Preto - MG, um projeto desenvolvido em consonância com as leis museológicas referentes à Educação Patrimonial, buscando preservar as práticas culturais do Município e do Patrimônio Imaterial se inteirando com a comunidade, conferindo o caráter científico deste estudo.

A pesquisa ocorreu no município de Ouro Preto, local em que o contexto histórico inspira as artes manifestadas por seus residentes. Localizada na região central do Estado de Minas Gerais, Brasil, consiste em uma das cidades mineiras que reúne o maior acervo arquitetônico e artístico do período colonial. Apresenta assim, informações nas quais a base escultural da cidade se encontra em meio aos casarios dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, com igrejas monumentais nos estilos barroco e rococó.

Segundo Angrosino (2009), a confirmação da existência de ouro, propiciou o crescimento social e econômico do novo espaço descoberto e apenas treze anos após a descoberta, o local já apresentava um contingente de moradores e uma estrutura de organização social (criação de freguesias) que permitia a elevação à vila. Fato que ocorreu em 8 de julho de 1711, criando a Vila Rica de Albuquerque e constituindo a primeira câmara municipal, conforme orientações da Coroa Portuguesa.

Vila Rica foi capital de Minas Gerais de 1720 até 1897, quando a capital do Estado passou a ser Belo Horizonte. Em 1933, o então presidente da República, Getúlio Vargas, concedeu-lhe o título de Cidade Monumento. Passados alguns anos, em 1938, a cidade foi tombada

como Patrimônio Nacional, a fim de amparar as tradições culturais lançadas pelos modernistas, mantendo em sua memória os fatos históricos do Brasil que foram vividos no antigo município.

Em Ouro Preto e cidades históricas mineiras o movimento modernista identifica os elementos de uma “autêntica arte brasileira”, com uma “autonomia cultural” nas Artes Plásticas, na arquitetura, no conjunto da “obra barroca mineira”, constituindo um excepcional surto de criatividade de artistas, mestres e artesãos. (Werkema, 2021). Ouro Preto foi uma das primeiras cidades a receber o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 2 de setembro de 1980.

Neste contexto de herança cultural e pertencimento desse patrimônio, alguns moradores acabam se envolvendo mesmo que de forma desconhecida em diversas atividades ligadas ao patrimônio, incluindo as práticas artesanais. Motivo que despertou nas pesquisadoras o desejo de investigar o bordado artesanal no Museu Casa dos Inconfidentes em Ouro Preto.

Brayner (2012) comenta que o patrimônio é tudo aquilo que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos, obras de arte e também as festas, músicas, danças, folguedos, comidas, saberes, fazeres e falares, enfim, tudo que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia. Muitas vezes, a função social originária de tais manifestações populares perde-se ao longo do tempo e o papel de representar a identidade cultural do grupo se mantém. A oficina de bordado está diretamente ligada à existência do Museu Casa dos Inconfidentes.

Isto se deve a aprovação pela Câmara Municipal do documento referente ao Projeto de Lei nº 84/09 de 23 de fevereiro de 2010, de autoria do Prefeito Municipal com o objetivo de legitimar o patrimônio material, no caso o Museu Casa dos Inconfidentes, em prol da comunidade.

As questões discutidas puderam analisar a situação das bordadeiras, suas histórias de vida, os saberes relacionados, o fazer artesanal e como essas atividades oportunizam possibilidades para o turismo e para o desenvolvimento econômico local e inclusão social, juntamente ao conhecimento científico. A partir desse cenário foram levantadas algumas indagações: como é a relação das bordadeiras com o município de Ouro Preto, o turismo e a comunidade? Como as bordadeiras e rendeiras aperfeiçoam seus conhecimentos? Como o ganho social e valorização patrimonial podem ocorrer? Como o bordado pode ser trabalhado como potencial para a atividade turística?

Partiu-se do pressuposto de que o turista quando chega a um determinado destino tem interesse em conhecer um pouco da história local e geralmente se interessa por algum souvenir que remete ao lugar visitado. Ademais, considerando o potencial produtivo e a capacidade criativa, o setor do artesanato, em especial os bordados e rendas, contribuem para o desenvolvimento econômico, além de apresentar grande perspectiva de crescimento. Os vínculos sociais estabelecidos pelas bordadeiras levam à percepção individual e coletiva de pertencimento e de acolhimento que veiculam valores de reconhecimento e de criação de identidade pessoais e coletivas. O reconhecimento e a criação de identidade alcançados,

individualmente e pelo grupo, por meio do saber-fazer do ofício do bordado e da renda configuram-se como mola propulsora, fomentando o aumento de autoestima das mulheres, independência e resistência, imbuindo-as, por um lado, de um sentimento de empoderamento e, por outro, de uma capacidade de resiliência cultural.

Neste sentido, as pesquisadoras se mostraram instigadas em entender como essa atividade artística manual, o bordado tradicional, se desenvolvia no museu e qual o objetivo de tal prática, bem como a relação das bordadeiras com este espaço museológico, turístico e cultural. Diante da literatura diversificada, o trabalho de pesquisa associou-se aos conceitos de: Turismo Cultural, Bordado, História, Museologia, Patrimônio Imaterial e Material, Educação Patrimonial, Economia Solidária, além da observação participante.

A interdisciplinaridade é percebida por tornar-se evidente ao caracterizar a utilização do museu, sua relação no campo de conhecimento social, cultural e ambiental, uma vez que o museu se encontra em um local cercado de área verde onde se conserva a mata, flora nativa e as ações educativas relacionadas ao turismo, patrimônio e a comunidade local.

Em termos de contribuição do estudo, verifica-se um impacto econômico positivo e expressiva integração do bordado no turismo local, uma vez que tem ocorrido feiras e exposições da temática do bordado na cidade de Ouro Preto, com a presença do grupo de bordadeiras em eventos internacionais, congressos e conferências realizadas no Centro de Artes e Convenções, tais como o último evento realizado pela *Association of Tourism and Leisure Education and Research – ATLAS*, onde as bordadeiras do grupo ASA e do distrito de Antônio Pereira marcaram presença.

Ademais, foi realizada exposição de bordados da ASA (Associação das Senhoras Artesãs) no Museu Casa dos Contos em Ouro Preto, em outubro de 2024. Fato este que está intrinsecamente relacionado com os benefícios que a economia criativa pode fomentar nas comunidades, por meio da inserção de atores locais, da co-criação e participação ativa e direta de turistas, residentes e produtores, promovendo o intercâmbio de experiências, a inclusão social e a diversificação econômica do município, segundo estudos apontados por Richards (2021).

Evidencia-se, portanto, o potencial turístico do bordado, da economia criativa e do turismo local, cultivando o desenvolvimento sustentável (Calvacante & Fonseca, 2021).

Vale mencionar outros trabalhos científicos que têm investigado o artesanato, entre eles o bordado, destacando a importância desta tradição como patrimônio imaterial, discutindo o seu papel econômico e a sua relação com a economia criativa. Um deles é o livro *Craft and the Creative Economy* que destaca a valorização do que é artesanal nos últimos tempos, identificando que há uma procura global por produtos desta natureza, de uma maneira nunca vista desde a década de 1970 (Luckman, 2015). Outro trabalho que explora o artesanato, especificamente o bordado, é o de Almeida (2016) que traz uma investigação no município de Passira (PE), no nordeste brasileiro, com o intuito de compreender como a tradição do bordado resiste ao longo de muitas gerações e como este “fazer” é importante economicamente para as mulheres envolvidas com a atividade.

Ademais, há estudos que exploram o papel terapêutico desta arte, como é a pesquisa desenvolvida por Wolk e Bat Or (2023) que, por meio da adoção de grupos focais com jovens em processos pós-hospitalização, identificou alguns aspectos relacionados a esta prática considerada como terapêutica, tais como: o controle versus liberação/liberdade; a calma que

advém da ação repetitiva e do foco; a relação entre a inovação e o convencional; a experiência do “ponto no tempo”, que envolve um diálogo com o passado, o presente e o futuro através do bordado.

O bordado é uma arte encontrada em diferentes regiões geográficas, sendo que parte desta tradição no Brasil advém dos portugueses. Matos e Freitas (2018) resgatam a importância do bordado na Ilha da Madeira, em Portugal, e retratam como esta prática veio para o Brasil. Segundo as autoras, o bordado representou um papel importante na vida econômica da Ilha, sendo uma possibilidade de complementar a renda familiar, chegando a empregar cerca de um terço da população madeirense.

Compreendendo a sua relevância econômica, cultural e até mesmo terapêutica, o presente estudo tem por objetivo compreender a prática do bordado e sua importância para o patrimônio cultural, assim como suas possibilidades para o desenvolvimento econômico, social e do turismo.

2. Metodologia

A metodologia do presente trabalho é de natureza qualitativa com caráter exploratório, descritivo e narrativo. Para Gaskell (2002: 65) a pesquisa qualitativa “fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”. Nesse sentido, “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (Gaskell, 2002: 65).

Houve o levantamento bibliográfico e documental, contribuindo para o entendimento conceitual referente à temática que perpassa, prioritariamente pela discussão do patrimônio imaterial, turismo cultural, museu, bordado e economia solidária.

A coleta de dados foi conduzida a partir da realização de entrevistas semiestruturadas direcionadas aos atores ligados ao Museu Casa dos Inconfidentes, bem como observação de diagnóstico local, participação ativa das pesquisadoras na oficina de bordados e o relato das bordadeiras.

Neste contexto, levou-se em consideração a disponibilidade e o desejo de relatar sobre o bordado e o patrimônio imaterial. Cabe mencionar que as entrevistas foram gravadas em áudio sob o protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP), sendo assim, as entrevistadas deram seu consentimento formal para participar como voluntárias da pesquisa. Os dados receberam um tratamento ético priorizando o anonimato dos sujeitos entrevistados.

Adicionalmente, foram realizadas observações do grupo investigado, além disso, a pesquisadora participou de eventos, feiras, exposições, palestras e oficinas ligadas ao bordado. Para efetuar as observações, a pesquisadora visitou o ateliê das artesãs bordadeiras na Fundação Aleijadinho, Ouro Preto, MG, participou de eventos como “O Dia das Bordadeiras”, palestras, filmes, exposições, feiras e oficinas.

O que possibilitou percorrer os ambientes e interagir com as bordadeiras e pessoas inseridas nesses espaços, observando procedimentos, comportamentos, atitudes não verbais e diferentes práticas dos sujeitos nos espaços investigados.

Autores como Angrosino (2009: 3) ressalta que “no papel de observador como

participante, o pesquisador faz observações durante breves períodos, possivelmente visando a estabelecer o contexto para entrevistas. Relaciona-se com os participantes apenas como pesquisador”. Nesse sentido, utilizou-se um diário para as anotações e observações necessárias à realidade das artesãs bordadeiras, no espaço de vivência e a dinâmica de suas atividades.

Para a análise dos dados, adotou-se a sugestão de Bardin (2011) por meio da fase de “Tratamento dos resultados: inferência e interpretação”, os dados foram analisados e interpretados considerando semelhanças, distanciamento, ausências e presenças nas narrativas dos entrevistados. Durante a interpretação dos dados foi preciso voltar atentamente aos marcos teóricos, pertinentes à investigação, pois eles deram embasamento e perspectivas significativas para o estudo.

3. O bordado tem histórias

A prática do bordado manual está enraizada na cultura mineira desde os períodos coloniais, que pouco se fala sobre sua longínqua origem portuguesa. Isso também se deve ao fato de, ao longo dos séculos, a técnica ter se adaptado tanto no município de Ouro Preto e região, onde o bordado mineiro já é reconhecido como um estilo.

De lá para cá o trabalho das bordadeiras aperfeiçoou-se em suas qualidades técnica e estética, imprimindo identidade a cada produto bordado. Existem relatos de que o bordado seja tão antigo quanto a humanidade. Segundo Barreto (2019: 33) “a técnica de juntar fios coloridos sobre tecido opaco traz mais que lembranças e fatos históricos do homem primitivo”, mostra ainda, as “costuras pela sobrevivência feitas em peles de animais, em vestes litúrgicas e ornamentos da realeza”.

O bordado é, como toda arte, uma forma de expressão e linguagem. É um meio de comunicação, uma forma de contar e fazer história. Conforme o dossiê: Ofício de Bordadeiras do Município de Ouro Preto (IPHAN, 2016), a história do bordado originou-se com o ponto cruz, cujos registros históricos remontam à pré-história. No tempo em que os homens moravam em cavernas, o ponto cruz era usado na costura das vestes, feitas de peles de animais. As agulhas eram feitas de ossos e no lugar das linhas eram usadas tripas de animais ou fibras vegetais. (IPHAN, 2016).

O referido dossiê evidencia ainda que a prática artística foi disseminada no Brasil e possui diversas características históricas e constitutivas. Se insere num contexto de antigas tradições, que remetem às questões culturais, sociais e de gênero. Segundo Brandão (2020) os vídeos “Bordado pelo Mundo” apresenta as características dos bordados feitos em outros países como o Bordado Inglês (*Pus Anglicanum*), Bordado Japonês (*Sashiko*), Bordado Peruano (*Huancayo* ou *Ayacuchano*) e Bordado Português (Lenço dos namorados), demonstrando a mudança de técnicas e materiais em cada país.

Esta atividade, predominantemente ligada a núcleos femininos, geralmente é familiar, transmitida de geração em geração. Esta produção de trabalho antes realizada no núcleo familiar se expande à esfera pública através da confecção de roupas e outras peças para uso de pessoas fora do núcleo familiar. Atendendo a demandas de um público específico, várias mulheres se reúnem em grupos e associações de costuras e bordados elaborando peças de caráter mais intimista e personalista. Assim expressa Barreto (2019: 90):

Nessas oficinas, enquanto as pessoas vão conversando, bordando e construindo suas histórias de vida bordada em suas bolas da felicidade, encantadas e fortes partilhas das experiências de fé, alegrias, dores e superações vão permitindo que os milagres aconteçam.

Brandão (2020) ressalta que embora a técnica do bordado seja considerada, no senso comum, uma habilidade manual única, ela se expressa de formas variadas de acordo com os aspectos econômicos, históricos, culturais e ambientais de cada sociedade. E estas utilizavam o bordado para os mais variados fins como enfeites e adornos em vestuários, enxoval, mobílias de casas, igrejas, quadros dentre outras possibilidades.

Atualmente, o cenário de bordados e rendas em Ouro Preto ainda preserva, por um lado, a produção doméstica, particular e voltada ao círculo familiar, que também continua a ser um importante espaço de transmissão desse saber. Porém, o agrupamento em associações coletivas tem tido crucial papel na comercialização e exposição dos produtos. Para Dias (2006: 50) “o bordado como patrimônio cultural imaterial é a expressão mais explícita da identidade de uma comunidade cultural, pois, ao se identificarem os membros do grupo social se compartilham significados e símbolos”.

De acordo com as autoras Lopes e Medeiros (2012), acerca da memória das comunidades, essa identidade forma o conjunto do patrimônio cultural o qual está além de um atrativo turístico. É fonte que inspira cultura partilhada, experiências vividas e como tal deve ter seu sentido respeitado. Reitera-se, então, que a região de Ouro Preto está plenamente presente na disseminação desse saber-fazer e na formação de grupos, tendo por base o bordado para diversas finalidades como a oficina de bordado do Museu Casa dos Inconfidentes. Segundo a museóloga do Museu e também bordadeira, a oficina de bordado no Museu Casa dos Inconfidentes originou-se de outros cursos que aconteciam naquele espaço como a pintura em cerâmica e tecidos, e atualmente a arteterapia, cujo objetivo principal era o aprendizado do bordado, bem como uma terapia ocupacional.

Portanto, a importância do bordado na vida das participantes bordadeiras no museu, além do aperfeiçoamento das técnicas e da aprendizagem contínua, somado aos momentos juntas, contabilizam novas oportunidades de ver a vida colorida não apenas nos tecidos mas na alma.

4. A importância da educação patrimonial

Baseado na afirmativa de Franco (1969) só se ama o que se conhece e, sabendo-se da importância de se conhecer e preservar o patrimônio natural, histórico e cultural, afirma-se que grande parte da comunidade ouro-pretana conhece parcialmente a riqueza patrimonial do município. Nada mais coerente iniciar esse processo com os moradores da cidade, visto que são eles também os responsáveis pela preservação desse bem.

Nesse contexto, insere-se a Educação Patrimonial, que se tornou Lei no município de Ouro Preto, sob o nº. 1.101, em junho de 2018, visando iniciativas de trabalhar a preservação patrimonial material, tais como os monumentos edificadas, a fauna, a flora, os sítios históricos e arqueológicos, entre outros. Como também o imaterial, nos quais se encontram costumes, tradições, saberes e fazeres culturais etnográficos, antropológicos e folclóricos.

Dentro da premissa de interação de espaços/comunidade, se inserem diversas instituições públicas, dentre as quais estão os museus, atuando como elo de ligação entre comunidade, educação patrimonial e turismo. Nesse modelo de interação, nota-se diversos projetos desenvolvidos em espaços distintos tais como escolas, associações de classes e museus, entre eles o Programa: Ouro Preto – Meu lugar, desenvolvido em 2018 e 2019 em três escolas municipais da região.

Durante os anos de 2017 e 2018, a Secretaria de Cultura e Patrimônio realizou os Fóruns Territoriais de Cultura para fins de levantamento da produção cultural, demandas e elaboração do Plano Municipal de Cultura. Reforçando ainda mais a pujança da prática e a importância do estabelecimento de políticas públicas específicas para o setor (IPHAN, 2016).

Trata-se, pois, dos principais espaços de manutenção da prática em Ouro Preto e, dessa forma, é necessário um melhor conhecimento das formas de produção e tipos de conhecimentos reproduzidos para a fundamentação do seu registro como patrimônio imaterial e a proposição de uma política de salvaguarda. O dossiê intitulado: “Ofício dos Grupos de Bordadeiras e Rendeiras, Ouro Preto, Minas Gerais” desenvolvido pelo IPHAN, em 2016, contempla inúmeras estratégias para a preservação do bordado ouro-pretano, a exemplo do plano de salvaguarda voltado para a valorização do bordado tradicional de Ouro Preto.

Tal plano sintetiza algumas ações, tais como a divulgação dos produtos confeccionados pelas bordadeiras e rendeiras em feiras, exposições e eventos apoiados pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto, destacando o registro do “saber-fazer” como patrimônio imaterial do município. Além disso, é válido acrescentar que a Prefeitura Municipal de Ouro Preto mantém uma relação de hospitalidade com as bordadeiras e rendeiras e menciona ações em prol das artesãs (IPHAN, 2016).

A Secretaria de Cultura e Turismo tem realizado, dentre outras ações, a promoção de oficinas em equipamentos culturais e, outra estratégia de iniciativa da prefeitura se refere a elaboração de uma identidade visual para a identificação dos produtos comercializados pelas bordadeiras do município como patrimônio imaterial.

5. Resultados e discussão

Foram realizadas entrevistas com 8 bordadeiras, com o Secretário Municipal de Cultura e Patrimônio, com turistas e com os colaboradores do Museu Casa dos Inconfidentes. Coletou-se por meio de entrevistas os pontos de vistas das participantes da oficina de bordado no Museu Casa dos Inconfidentes. O instrumento de pesquisa se baseou no referencial teórico levantado, onde obteve-se um retorno de 100% das entrevistas.

Nesse sentido, destacam-se algumas reflexões que apontam registros significativos dentro de uma relação de vivência das bordadeiras com o bordado artesanal. Observou-se que os dados coletados por meio das entrevistadas fizeram alusão à memória, à religiosidade, à comunidade, ao museu, aos trabalhos produzidos, à visualização dos turistas e visitantes e à exposição dos trabalhos finais do semestre.

Os bordados em bastidores, muito usados ultimamente, apareceram nos relatos com muita expressividade, representados na Figura 1:

Figura 1: Bordado em bastidor - expressando sentimento



Fonte: Autoria própria, 2019.

Os trabalhos realizados com as mensagens servem de presentes e enfeites, além de expressar sentimentos e a criatividade das bordadeiras. Conforme Barreto (2019): “A gente envia um sinal através de pensamentos e emoções e o Universo responde. Deus age nos bastidores. Eu acredito em milagres”.

Além da sensibilidade presente na vida atual das bordadeiras, seus trabalhos destacaram a infância, ou seja, o interesse pela arte de bordar foi influenciado pela família conforme expressa a bordadeira a seguir: “(...) eu lembrava que desde criança eu aprendi a bordar com minha mãe” (Bordadeira 4). As recordações estão relacionadas ao gosto de se bordar frutas como pitangas, goiabas, limões e bananas que eram colhidas na casa de seus avós.

Mencionaram a horta da casa, que era plantada para agradar aos santos nos altares, bem como o que ficou na lembrança como margaridas, hortênsias, rosas vermelhas e brancas. Outras relataram que o ato de bordar é para ocupar o tempo e o prazer de transmitir aos outros o que foi aprendido e também detalhes do bordado com flores que remetem à figura materna.

As entrevistadas relatam ainda que na adolescência era o ápice para o aprimoramento das habilidades e da criatividade, pois a moça preparava seu enxoval, bordado, esperando o dia para se casar. Isso é percebido no seguinte relato: “Mas eu comecei a bordar quando ia casar...mas já tinha aprendido com minha mãe, vó, tudo com a família de minha mãe” (Bordadeira 8).

Nesse sentido, a forma de bordar da mãe, avó, que ensina a menina dentro do seu lar, tem a marca feminina e assim por muitos séculos, mãos femininas registraram relatos em forma de bordados. Entretanto, uma das entrevistadas, lembra que foi no orfanato que bordava, ainda criança, e conseguia uma renda com os produtos bordados: “O bordado pra mim veio da infância...bordava com as meninas no orfanato e ganhava um dinheirinho”. (Bordadeira 5).

Na figura 2, observa-se um bordado emoldurado em um quadro, que foi pensado desde o início pela bordadeira para presentear e enfeitar o quarto da neta. A infância retratada foi evidenciada no relato de uma bordadeira acerca do trabalho de sua mãe e avó, que eram lavadeiras da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Antônio Dias, em Ouro Preto. A

entrevistada mencionou que conviveu entre toalhas e vestuários dos padres, e sempre admirou os riscos de tais bordados.

Figura 2: Bordado em moldura – rememorando a infância



Fonte: Autoria própria, 2019.

Vale ressaltar a fala de outra participante que destacou a Escola como um meio de aprendizagem destinada às meninas como a educação para o lar.

A importância do bordado na vida das participantes obteve elementos ligados ao gosto do bordado no espaço museológico, o aperfeiçoamento das técnicas, a importância de sempre estar aprendendo, o amor ao bordado trazendo alegria e prazer, fazendo parte do cotidiano como uma terapia, pois, relaxa e acalma assim como bem expressa Barreto (2019: 90):

Nessas oficinas, enquanto as pessoas vão conversando, bordando e construindo suas histórias de vida bordada em suas bolas da felicidade, encantadas e fortes partilhas das experiências de fé, alegrias, dores e superações vão permitindo que os milagres aconteçam.

Para as bordadeiras o ato de bordar se aproxima das memórias, das histórias, das amigas, do compartilhar conhecimentos e técnicas, e diante dessa realidade se transformam como pessoas e suas mãos vão além da rotina doméstica. Sob essa perspectiva o ato de bordar é fonte que inspira cultura compartilhada, experiências vividas e como tal deve ter seu sentido respeitado (Lopes e Medeiros, 2012). No entanto, nem sempre bordar é uma ação tranquila, confiante e assim, desencadeia sentimentos de incapacidade e desafios como relatado nas entrevistas expressas a seguir:

Não tinha uma segurança, uma confiança. (Bordadeira 8).

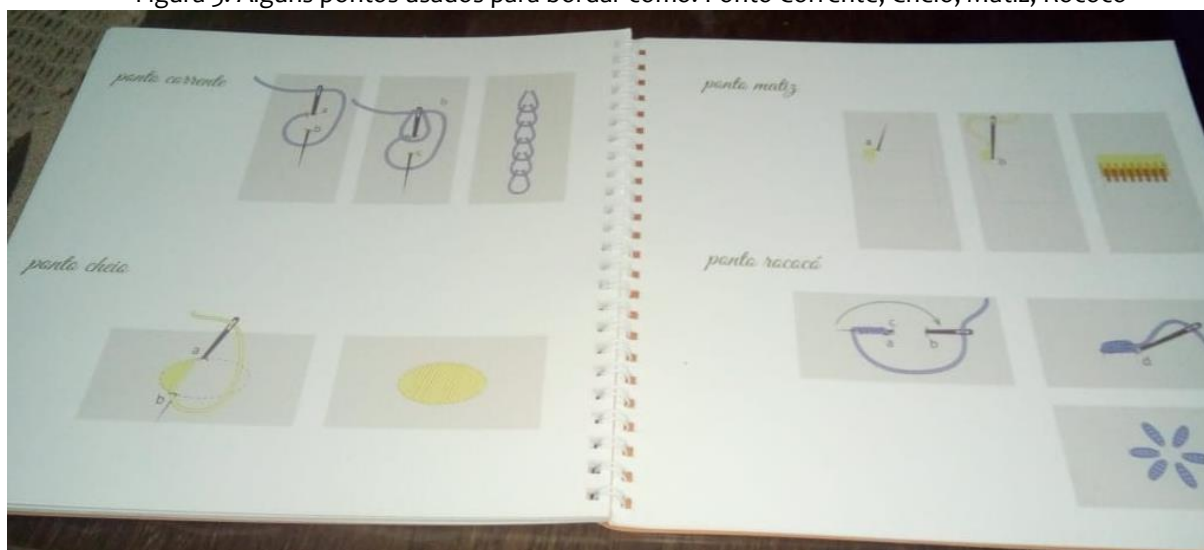
Teve esse impasse de bordar, eu destra e ela canhota sem experiência nenhuma... a gente foi para frente do espelho, na medida que eu fazia os movimentos ela ia repetindo. (Bordadeira 7).

Nas vozes das bordadeiras, para bordar é preciso: interesse, boa vontade, paciência, humildade, motivação, além do material como: linhas coloridas, tecido, agulha, riscos livres ou moldes pré-estabelecidos, tesoura e bastidor. Para ser bordadeira as participantes disseram ser preciso dedicação, esforço, capricho, gostar de bordar e interesse em aprender os pontos, bem como abrir-se para a criatividade, paciência, fazer e refazer se preciso for e ainda aproveitar para conversar e relaxar nestes momentos. Aspectos que remetem ao papel de arteterapia que o bordado detém, sobretudo de enquanto um agente transformador tanto em âmbito pessoal, quanto uma possibilidade de lazer, indo além do ofício em si.

Na sequência, disseram que os pontos mais conhecidos do bordado livre são: cheio, atrás, correntinha, rococó, haste, caseado, folha e matiz. Porém, os livros com seus ensinamentos são válidos, mas o melhor é ter aula presencial. Nesse viés, Civita (1972: 16) aponta: “antigamente, o bordado era conhecido exclusivamente com o nome de “bordado branco” porque se usavam linhas brancas em tecidos brancos, e somente nas roupas brancas de cama e mesa”.

No começo, são os riscos soltos no ar, guardados na imaginação. A partir dos riscos, o processo de criação tem início com a caneta, o tecido, o papel carbono, depois as agulhas, as linhas coloridas e as mãos habilidosas imprimem nos tecidos as marcas milenares das histórias bordadas. Observando atentamente a figura 3, notam-se que os pontos bem feitos fazem o diferencial no bordado.

Figura 3: Alguns pontos usados para bordar como: Ponto Corrente, Cheio, Matiz, Rococó



Fonte: Autoria própria.

A referida figura apresenta alguns pontos como: o rococó, matiz, cheio e o caseado. Observa-se que os desenhos ensinam como fazê-los e utilizam agulha e linha como mestras. Embora pareça fácil, mas para um aprendiz, talvez não seja. Mesmo as bordadeiras mais experientes sempre recorrem umas às outras. Os pontos bem feitos fazem o diferencial no bordado para que esse seja considerado perfeito.

A maioria das bordadeiras não tem conhecimento de como originou o bordado, mas outras dizem que pode ter vindo com os portugueses e imigrantes. Como esclarece a fala de uma participante: “O bordado livre e espontâneo é muito utilizado em cidades mineiras. Se observa nas exposições riscos que contam histórias trazendo a natureza e a diversidade cultural de nosso povo mineiro” (Bordadeira 2). Há relatos de que desde 2013 aconteceram oficinas no espaço museológico.

Para ilustrar essa abordagem a entrevistada comentou:

O início da atividade se deu com pintura em pratos, organizada pela professora e museóloga Romilda e ministrada pela Professora Lourdinha. Neste encontro conheceram a professora Alda que em 2016 iniciou o bordado em chita e compartilhando outros bordados como confecção de almofadas coloridas, alegres e mantos para a imagem de Nossa Senhora Aparecida decoradas com linhas prateadas, pedras e fitas coloridas. É interessante frisar que a concretização da oficina foi constituída sempre com um convite de uma das participantes. (Bordadeira 6).

Segundo o relato das participantes, vale especificar que a motivação do início se intensificou com o grupo devido a relação de umas com as outras, culminando em companheirismo e amizade, proporcionando a consolidação do grupo há mais de dois anos. Barreto (2019) comenta que “as oficinas além de possibilidade de renda, promove a sociabilidade, terapia, expressa sentimentos, as roupas bordadas, motiva as pessoas depressivas através da arte e terapia”.

Em relação a inserção das bordadeiras no Museu Casa dos Inconfidentes, as participantes relataram que o lugar é agradável e acolhedor, além do grupo das bordadeiras ser motivador, significando terapia, descanso e experiências de vida. Este cenário vai ao encontro das colocações de Dias (2006), uma vez que o patrimônio imaterial tem esse papel de união, de expressar aspectos identitários de uma comunidade e, sobretudo, de compartilhar os significados e os símbolos culturais de um ícone identitário, a exemplo do bordado.

Segundo as entrevistadas, nem sempre é possível cumprir os compromissos, mas as bordadeiras comentaram que o fato de não comparecerem às aulas está relacionado a um motivo sério. Buscando compreender a oficina de bordado, a maioria das entrevistadas apontou o museu como um lugar apropriado para bordar, pois é acolhedor e sossegado, sendo a paisagem uma parceira para o descanso. O que demonstra a importância desta ação em disponibilizar o espaço dedicado à prática do bordado no município (IPHAN, 2016). Além disso, há a presença da professora para ensinar, troca de experiências e descontração, como expressa Barreto (2019), “com toda certeza, o bordado nos norteará ‘nesses novos tempos’ a encontrar respostas e saídas, assim como foi com nossas avós”.

A relação entre turistas e bordadeiras, identificada por meio de observação participante, apontou o interesse destas em ter seu trabalho apresentado para o turismo. A pergunta “você gostaria de compartilhar os seus bordados com turistas que visitam o museu? Por

quê?” revelou que as bordadeiras gostariam que seus trabalhos fossem vistos por turistas:

Sim. Porque assim que os turistas sabem dos bordados se interessam pela arte. Depende da política pública, voluntariado e interesse de participantes. Mediante os trabalhos desenvolvidos durante o ano, uma exposição é organizada em final da etapa dos trabalhos. Não pensei nesta questão. Mas nada demais mostrar nossa arte feita com tanto amor. (Bordadeira 4).

Diversos turistas acharam uma inovação a apresentação em quadros, como relata o turista 18: “Adorei as ideias dos bordados quadro. Tenho dois trabalhos bordados de uma irmã que já faleceu e vou copiar a ideia. Lindo seus trabalhos. Parabéns”. Apresentadas em quadros como registros ao invés de tecidos, retrata uma criatividade. Ademais, esse formato não pode ser desfeito tão rapidamente.

Além dos bordados em quadros, as bordadeiras idealizaram panos de para enfeitar suas casas, presentear ou até mesmo como fonte de renda. A arte de bordar panos de pratos foi o início para muitas mulheres, passando de geração em geração.

Com o intuito de conhecer um pouco mais da intimidade do grupo das bordadeiras e atingir o objetivo da pesquisa, este relato da participante bordadeira demonstrou carinho pelas colegas e ressaltou a cultura ouro-pretana presente na comunidade:

Sim. É interessante que o bordado me aproximou mais da religiosidade do povo ouro-pretano. Ao fazer as capas de Nossa Senhora Aparecida teve todo o processo, desde a procura da imagem ideal até as conversas sobre a santa com pessoas de meu convívio, principalmente minha família. No grupo pude observar a importância da cada colega em relação à importância da religião no dia a dia (...). Assim percebi que somos mais felizes quando temos fé e todos são capazes de ajudar uns aos outros (...). (Bordadeira 2).

Baseado na resposta da bordadeira participante 02, tem-se o comentário da autora Coraspe (2019: 49):

Por grande período de tempo, o bordado teve forte influência dentro do ciclo religioso. Era característica marcante os bordados à mão nas bandeiras, estandartes, vestes sacerdotais, detalhes em roupas para rituais religiosos, toalhas usadas nos templos, entre outros.

Ao término da entrevista as pesquisadoras solicitaram a opinião das bordadeiras sobre a presença de acadêmicos da área de turismo participando e observando a oficina de bordado. As respostas foram significativas tal como exemplificado a seguir:

Interessante, pois é bom ter registro. (Bordadeira 3).

Muito gratificante e enriquecedor para o Museu. Com esta pesquisa o olhar sobre o Museu e a linha turística será aguçado sob a perspectiva de propostas que possam contemplar um público maior. (Bordadeira 4).

Achei muito interessante, pois a Mônica teve a oportunidade de compreender a importância desse grupo, convivendo com esses momentos de fazer e aprender, conviver e trocar experiências. Na área do Turismo, o bordado é uma forma de mostrar através dos riscos e bordados, histórias da cidade, das pessoas numa diversidade tão

grande e fantástica que contagia outras pessoas. (Bordadeira 1).

O Secretário de Cultura e Turismo de Ouro Preto discutiu acerca dos caminhos ou critérios para a concretização do título de Patrimônio Imaterial do Bordado em Ouro Preto-MG. Ressaltou-se as associações que deram o primeiro passo, procuraram a Secretaria solicitando o reconhecimento do poder municipal presente na cidade e nos distritos. O bordado era ligado à religiosidade e a ocupação do núcleo familiar, especialmente as mulheres, que preparavam os enxovais para uso doméstico, remontando ao período colonial.

O Secretário afirmou que, para o turista que visita o Museu Casa dos Inconfidentes e vê o trabalho das bordadeiras, é interessante este diálogo com o espaço museológico. As pesquisadoras interrogaram também os colaboradores a respeito da inserção das bordadeiras no espaço museológico. Um dos colaboradores acredita que:

Quando vem as bordadeiras para o museu é um momento de prazer, de reunião. Cativar as pessoas é bom, interagir e descontrair faz bem a todos nós. Percebo a participação delas nas aulas de bordado, sendo um trabalho fantástico, há dedicação, respeito e ajuda mútua. (Colaborador 1).

Verificou-se no comentário desse colaborador a transformação do ambiente, anteriormente espaço para turistas e agora, com a presença das bordadeiras, o museu se enriquece com o patrimônio vivo, ou seja, as bordadeiras junto ao patrimônio imaterial.

6. Considerações finais

Este trabalho buscou compreender a prática do bordado e sua importância para o patrimônio cultural em Ouro Preto, assim como possibilidades para o desenvolvimento econômico, social e do turismo. O tema foi desenvolvido por meio de um estudo de campo, qualitativo, exploratório, descritivo e teórico, utilizando-se a metodologia de pesquisa bibliográfica e documental.

Como resultados, percebeu-se que o bordado atua como terapia e, durante a prática do bordado, há o prazer no processo de construção de algo real e belo. Verificou-se que a oficina de bordado artesanal contribui para o desenvolvimento e preservação da técnica das bordadeiras, que são autoras de seus produtos. A atividade contribui para a melhora da autoestima, propiciando assim transformações cruciais no pensar, compartilhar, agir e ser. Além disso, instiga a sociabilidade, uma vez que muitas pessoas buscam participar de grupos de bordado por simplesmente ter com quem conversar e trocar experiências. Neste sentido, sugere-se a proposição de uma maior atuação do poder público, diante da possibilidade de fomentar a organização de empreendimentos solidários capazes de promover melhoria nas condições de vida das bordadeiras e consequente desenvolvimento local e turístico.

Verificou-se que o trabalho das artesãs bordadeiras, por vezes, se mostra desvalorizado, ao não apresentar um espaço apropriado para expor e vender os produtos. Esta é uma questão não resolvida pelo poder público municipal há anos pois, as gestões não proporcionam uma ação efetiva em relação a esse bem imaterial da comunidade. Além disso, projetos iniciados não são concretizados por outros gestores.

As entrevistadas revelaram o fato de atravessadores que interferem no preço dos produtos a serem comercializados. Entretanto, cabe mencionar que Ouro Preto está buscando o reconhecimento de cidade criativa da UNESCO no segmento de artes populares de artesanato e, portanto, a valorização do bordado tende a se fortalecer.

Como a cidade de Ouro Preto é turística, verificou-se a interlocução da prática do bordado com o turismo local, evidenciando-se como uma ferramenta para a valorização e a preservação dos aspectos culturais, históricos, sociais, econômicos e da atividade turística do município. Colocando a atividade turística como um caminho duplo: preservação da herança cultural é um instrumento de desenvolvimento local como observado por Dias (2006), o que demonstra a necessidade de estabelecer uma harmonia entre o turismo, o patrimônio, aqui representado pelo bordado e a cultura.

A pesquisa revelou futuras contribuições, possibilitando a investigação do tema sob outros olhares, a exemplo da relevância do bordado para a sociedade ouro-pretana, trazendo a percepção da comunidade em relação a essa prática milenar, ou ainda estudar em profundidade o papel do poder público relacionado ao bordado de Ouro Preto. Outra proposta de investigação sugerida diz respeito a investigar a relação entre o bordado e a atividade turística pela ótica dos turistas. Sistematizar pesquisas nestas perspectivas podem contribuir para a interlocução entre o turismo e o bordado, ampliando os debates acadêmicos em torno destas temáticas.

Em relação ao potencial do bordado tradicional no museu, agregou-se valor social de memória, lazer, terapêutico e de economia solidária. Em suma, esta seria uma oportunidade para as bordadeiras que estão realizando suas atividades no espaço museológico se ingressarem no mercado e unirem forças por meio do trabalho manual, juntamente ao apoio de instituições e associações locais, agentes públicos, a Superintendência Estadual de Artesanato e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Ressalta-se que o grupo de bordadeiras no município pode contribuir para o fortalecimento da cultura local, e uma alternativa para a atividade econômica e potencial turístico a ser trabalhado, caso haja escassez da mineração no município e região, por exemplo. O turismo assumiria a base da economia e desta forma, movimentaria um grande número de bordadeiras que encontrariam no ofício fonte principal ou complementar de renda, além de promover a inserção social e a manutenção da memória por meio da atividade do bordado.

Em termos de contribuição do estudo, verifica-se um impacto econômico positivo, inclusão social e fomento da diversificação econômica, na medida que o bordado integra grupos antes invisibilizados no cenário turístico ao contexto internacional de uma cidade patrimônio mundial da humanidade. Este fenômeno está intrinsecamente relacionado com os benefícios que a economia criativa pode fomentar nas comunidades apontadas por Richards (2021) e Calvacante e Fonseca (2021), cultivando assim o desenvolvimento sustentável.

Por fim, espera-se que a prática do bordado enquanto riqueza identificada no município de Ouro Preto possa vir a ser reconhecida como elemento potencializador da atividade turística criativa, enquanto elemento do patrimônio cultural e um relevante vetor de desenvolvimento econômico, diversificação e inserção social.

Referências bibliográficas

- Almeida, A. J. M. (2016). Bordado e resistência: A produção artesanal no nordeste brasileiro. *Moda Documenta*, 1-11.
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante* (J. Fonseca, Trad.). Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barreto, T. (2017). *Café com bordado*. Silvamarts Editora.
- Barreto, T. (2019). *Milagres Bordados: Bragança Paulista*. YesBooks.
- Brandão, I. (2020). Memorial Minas Gerais Vale. <http://www.memorialvale.com.br>.
- Brayner, N. G. (2012). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Patrimônio Artístico Nacional (3ª ed.). IPHAN.
- Calvacante, M.M. & Fonseca, D. D. B. C. (2021). Turismo criativo como estratégia de desenvolvimento: O caso de União dos Palmares, Alagoas. *RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo*, 11(1), 264-286.
- Civita, V. (1972). *Trabalhos Maravilhosos* (Vol. 2). Abril Cultural.
- Coraspe, E. G. da S. (2019). *Flor de Chita: Terapia do Bordado*. Editora 3 Pinti Ltda.
- Dias, R. (2006). *Turismo e patrimônio cultural: Recursos que acompanham o crescimento das cidades*. Saraiva.
- Franco, R. (1969). Sphan/Fundação Pró-Memória. Recuperado em 18 de agosto de 2022, de <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/173>.
- Gallisa, M. F. S. (2020). *O bordado artesanal no Museu Casa dos Inconfidentes* (Monografia). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Brasil.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (pp. 64-82). Vozes.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2016). *Processos de Registros de Bens Imateriais* (Vol. 2/3) – Dossiê – Ofício de Bordadeiras e Rendeiras em Ouro Preto.
- Lopes, R. M. R., & Medeiros, G. P. C. (2012). O Valor artístico-cultural do bordado de Caicó/RW e sua relação com o turismo. *Caderno Virtual de Turismo*, 12(1), 30-41.
- Luckman, S. (2015). Introduction — Craft and the Contemporary Cultural Economy: The Renaissance of the Handmade. In *Craft and the creative economy* (pp. 1-16). Palgrave Macmillan.
- Matos, M. I. S., & Freitas, N. (2018). Entre o risco e o bordado: trajetória e memórias de mulheres e/immigrantes madeirenses (São Paulo, décadas de 1950-1960). *História Unisinos*, 22(2), 303-316.
- Richards, G. (2021). Developing craft as a creative industry through tourism. *Brazilian Creative Industries Journal*, 1(1), 85-102.
- Werkema, M. (2021). Minas e as raízes do Movimento Modernista Brasileiro. <https://www.ouropreto.com.br/noticia/3199/minas-e-as-raizes-do-movimento-modernista-brasileiro>.
- Wolk, N., & Bat Or, M. (2023). The Therapeutic Aspects of Embroidery in Art Therapy from the Perspective of Adolescent Girls in a Post-Hospitalization Boarding School. *Children*, 10(6): 1084.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

MÔNICA DE FÁTIMA DO SACRAMENTO GALISA é Mestre em Turismo e Patrimônio pelo Programa de Pós-graduação em Turismo e Patrimônio (PPGTURPATRI) da Universidade Federal de Ouro Preto. Endereço institucional: Universidade Federal de Ouro Preto-R. Diogo de Vasconcelos, 122-Pilar - Ouro Preto-Minas Gerais, Brasil CEP 35402-163.

ALISSANDRA NAZARETH DE CARVALHO é Professora Associada na Escola de Direito, Turismo e Museologia (EDTM), Programa de Pós-graduação em Turismo e Patrimônio (PPGTURPATRI) e Curso de Turismo, da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Tem experiência na área de Turismo, com especialidade em Hospitalidade, Cultura e Gastronomia, atuando principalmente nos seguintes temas: Equipamentos Turísticos, Gestão de Empresas Turísticas, Meios de Hospedagem, Hospitalidade, Turismo Rural, Fazendas Históricas, Gastronomia, Ruralidade e Cultura, Economia Criativa, Turismo Criativo. Endereço institucional: Universidade Federal de Ouro Preto-R. Diogo de Vasconcelos, 122-Pilar - Ouro Preto-Minas Gerais, Brasil CEP 35402-163.

CAROLINA LESCURA DE CARVALHO CASTRO VOLTA é Professora Associada na Escola de Direito, Turismo e Museologia (EDTM), Programa de Pós-graduação em Turismo e Patrimônio (PPGTURPATRI) e Curso de Turismo, da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Tem especialidade na área de Empresas Familiares e Gestão de Pessoas. Além das áreas de maior especialidade, tem interesse e atuação em Marketing, Eventos, Estudos Organizacionais e Economia Criativa. Endereço institucional: Universidade Federal de Ouro Preto-R. Diogo de Vasconcelos, 122-Pilar - Ouro Preto-Minas Gerais, Brasil CEP 35402-163.

MARCOS EDUARDO CARVALHO GONÇALVES KNUPP é Professor Associado na Escola de Direito, Turismo e Museologia (EDTM), Programa de Pós-graduação em Turismo e Patrimônio (PPGTURPATRI) e Curso de Turismo, da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Turismo e Economia Criativa, com ênfase em Políticas Públicas e Governança, Desenvolvimento Sustentável Regional e Local, Gestão Pública e Privada. Atua principalmente nos temas: políticas de turismo e economia criativa, gestão pública do turismo e economia criativa, empreendimentos turísticos, análise de redes e planejamento e organização de eventos. Endereço institucional: Universidade Federal de Ouro Preto-R. Diogo de Vasconcelos, 122-Pilar - Ouro Preto-Minas Gerais, Brasil CEP 35402-163.

Submetido: 2 de agosto 2024

Aceite: 8 novembro 2024